

Um chiado longo e dramático despertou-o de um sono perturbado. Era mais uma freada na Consolação. Maldito trânsito, maldita cidade, praguejou enquanto conferia o rádio-relógio: três e trinta e três brilhava em neon. Não conseguiu dormir mais, ficou olhando o teto no escuro. Os sons da rua penetravam pela janela fechada cada vez com maior nitidez. Um caminhão desceu a Consolação indo para o Centro e batendo sua caçamba com estrondo. Maldita cidade: três e cinquenta e sete.

Creditava sua insônia ao barulho da avenida, e sua irritação crescia com a nitidez dos ruídos. Uma moto começou a subir a avenida acelerando; o barulho estridente ia atingindo notas cada vez mais agudas, como se fosse explodir a qualquer momento — o homem torcia para isso! Atingiu sua intensidade máxima em frente ao Cemitério, ao lado do qual ficava seu prédio, e foi se extinguindo lentamente. Ele acreditou ter acompanhado aquela estridência até desaparecer no cruzamento da Faria Lima, se não foi até a ponte Eusébio Matoso. Sua audição estava ficando muito apurada, para seu azar.

Os dígitos mudavam lentamente no painel do relógio. Cidade desgraçada, pensava, por que todos não dormem à noite como cristãos em vez de ficarem zoando pelas ruas! Uma carreta freava freneticamente, emitindo selvagens suspiros que ecoavam pelas construções de Higienópolis. Esses amaldiçoados vagam pela noite só para atormentar os coitados que têm que acordar cedo para o trabalho, raciocinou, sentindo uma grande solidariedade por todos os vizinhos que não conseguiam pregar os olhos junto com ele. Sua mulher dormia profundamente — mas ela não conta, poderia dormir assim sob um bombardeio. Mas os outros, ouvidos sensíveis como os dele, eram massacrados. Outro caminhão passou batendo caçamba e, ao mesmo tempo, chiando seus freios a ar. Sentiu um ódio assassino: uma escopeta! Meu reino por uma escopeta. Com ela poderia liquidar à distância, de sua janela, esses vampiros sugadores de sono.

Quatro e treze, e o insone agonizando entre roncos, derrapagens e estampidos que vinham do asfalto. Repentinamente, todos os sons se extinguíram a sua volta. Fez-se um grande silêncio. Pronto, fiquei surdo, concluiu apavorado. Aguçou os ouvidos: nada. Começou a entrar em pânico, procurando detectar qualquer ruído... em vão. O pulso disparou e a respiração ficou pesada; agora ouvia o bater do seu coração e o sangue correndo pelas têmporas. Mas isso não o tranqüilizou, ao contrário, queria ouvir sons externos. Teve a idéia de bater os dedos no criado-mudo, e o fez; mas o barulho soou muito interno, como se subisse pelos ossos. Batucou, então, com o aro dos óculos. Sua mulher remexeu-se incomodada, o que lhe impediu uma avaliação definitiva. Naquele exato momento, um galo cantou lá fora.

Um galo cantando no meio da Consolação, só se for a alma penada de algum frango congelado do Pão de Açúcar, riu nervoso, concluindo agora que, pior que surdo, estava ficando louco. Arregalou as pálpebras na escuridão à procura de algum amparo; o arranhar da sua respiração preenchia todo o quarto e seu corpo porejava gotículas frias. Foi aí que um som arrastado, ainda impreciso, surgiu vindo da entrada do apartamento. Ele suspendeu a respiração. Eram passos, agora nítidos. Meu Deus! Seria um ladrão ou já um efeito de sua loucura, não conseguia decidir-se. Lá fora, a rua permanecia em um sólido silêncio.

---

1 Mestre em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, FFLCH-USP. Pesquisa: Eça ensaísta: Estudo sobre o trabalho jornalístico de Eça de Queirós para a Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro, ao final do século XIX.

Os passos pareciam indecisos: iam e vinham, como se o passeante não soubesse qual apartamento escolher. O outro, o outro, suplicava baixinho, perdendo toda a solidariedade pela vizinhança. Enfim, os passos vieram e pararam em frente a sua porta. A respiração mantinha-se presa e agora ele transpirava abundantemente. Quis acordar a esposa, mas um pavor gelado o imobilizou por completo. Também, o que adiantaria acordá-la, o que ela poderia fazer? Melhor continuar dormindo, assim nem sofrerá nada se for um assassino. Um assassino!!! Desesperou-se em pensamento. Os olhos apontados para o corredor, de onde esperava mais algum indício que confirmasse o flagelo.

Mas, enquanto aguardava atônito, o trovejar das turbinas de um boeing pronunciou-se de maneira inabitual, vindo da janela. Parecia crescer em sua direção, fazendo vibrar os vidros. O ronco grave e profundo envolvia os prédios como uma tormenta. Completamente esquecido dos passos no corredor, ele se sentou na cama, inclinando o ouvido para a janela. O som transformou-se: além de aumentar continuamente, foi ficando mais agudo, como se o avião estivesse aterrissando. E ele conhecia bem o barulho, pois passava todo dia, no caminho do trabalho, em frente à cabeceira do aeroporto de Congonhas; e era exatamente assim que rugiam os jatos que pousavam. Essa bosta vai cair em cima da gente!

Ficou esperando, então, que o monstruoso bico de um jumbo rompesse parede adentro do seu quarto, arrebata-o abraçado a sua fuselagem, levando-o para o além. O barulho foi tornando-se ensurdecedor, crescendo, crescendo... Ele já não sentia nem pensava coisa alguma, apenas aguardava. O trovoar passou por cima de sua cabeça e foi morrer, após longa duração, lá atrás, no Pico do Jaraguá. Sincronizadamente, ele foi se deitando pouco a pouco, até pousar a nuca no travesseiro. O ruído do trânsito ressurgiu suavemente, embalando o seu adormecer. Bendita cidade.

**S. Paulo, 08.03.92**